



80 ANOS
DO MASSACRE DE
**BABI
YAR**
Material Educativo

2021



ÍNDICE

Apresentação _____	01
Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba	
Apresentação _____	02
Rostyslav Tronenko, Embaixador da Ucrânia no Brasil	
Os primórdios da vida judaica em Kiev _____	03
Poema: Babyn Yar, de Liudmila Titova (1941) _____	04
Os judeus de Kiev, o antissemitismo e a modernidade _____	05
Poema: Babyn Yar, de Mykola Bazhan (1943) _____	06
Kiev judaica e as guerras mundiais (1914-1941) _____	07
Poema: Ravinas de Kirillov, de Olga Anstei (1943) _____	08
Operação Barbarossa e a ocupação alemã em Kiev _____	09
Poema: Babyn Yar, de Ilya Ehrenburg (1945) _____	10
Einsatzgruppen e Solução Final _____	11
Poema: Cruz de Elena Teliga, de Leonid Vysheslavsky _____	12
O massacre de Babi Yar _____	13
Poema: A Ravina, de Moysey Fishbeyn (1974) _____	14

Histórias Pessoais _____	15
Dina Pronicheva (1911-1977) _____	15
David Ayzenberg (1926 -) _____	16
Raisa Dashekevich (1911- ?) _____	17
Ludmila Tkach (1936 - 2002) _____	18
Dina Levina (1927 -) _____	19
Yelena Gorodetsky (1935 -) _____	20
Raisa Maistrenko (1938 -) _____	21
Aleksandr Kuz'menko (1931 -) _____	22
Tania Kauppila (1929-2016) _____	23
Sofia Yarova (Boyko) (1925? - 2020) e Yefrosynia Boyko (1902 - 1963) _____	24
Babyn Yar, Yevgeny Yevtushenko (1960) _____	25
A destruição de vestígios, por Igor Schupak _____	26
Poema: Babyn Yar, Lev Ozerov (1946) _____	27
A construção da memória de Babi Yar _____	28
Poema: Eco de Babyn Yar, Yuri Kaplan (1959) _____	29
Narrativas e memória do massacre de ciganos roma em Babi Yar _____	30
Poema: Babyn Yar, de Natella Boltyanskaya _____	31
Judeus na Ucrânia hoje, por Igor Schupak _____	32
Referências Bibliográficas _____	33
Legendas _____	34
Créditos _____	35

Apresentação

Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba

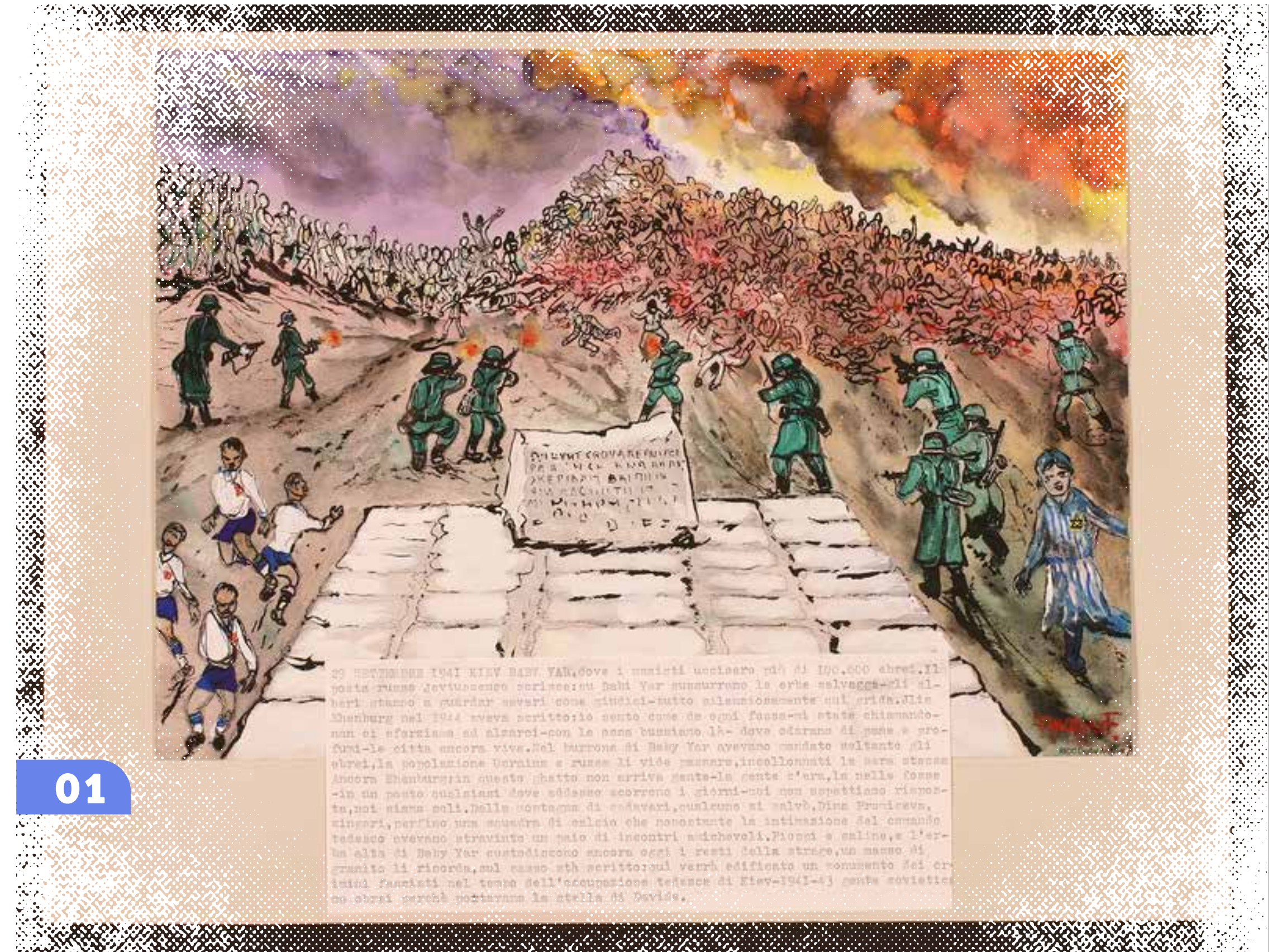
Tudo começou muito antes da ligação cordial que recebi do Embaixador da Ucrânia no Brasil, o senhor Rostyslav Tronenko, em janeiro de 2021. Para entender a importância da parceria inédita entre o Museu do Holocausto de Curitiba e a embaixada ucraniana é preciso elucidar as nuances da construção da memória de Babi Yar (ou Babyn Yar) no país europeu - um dos propósitos desse material.

Fato é que com um simples telefonema nasceu a ideia do projeto educativo brasileiro para a criação de um material online gratuito para professores. A iniciativa, que inclui a tradução de poesias ucranianas (de nomes expressivos como Ilya Ehrenburg, Yevgeny Yevtushenko, Mykola Bazhan, e tantos outros), abrange textos, imagens e reflexões. Temas como a vida judaica em Kiev nos séculos anteriores à guerra, a Operação Barbarossa e a atuação dos Einsatzgruppen são mescladas com histórias individuais tanto de vítimas quanto de salvadores (Justos entre as Nações) ucranianos - sem fugir da incômoda colaboração de civis.

A construção da memória de Babi Yar, o olhar da nação ucraniana sobre a tragédia hoje e a comunidade judaica contemporânea em Kiev também são abordados no material, que conta com o apoio do Museu da Memória Judaica e do Holocausto na Ucrânia, e da Tkumá - Instituto Ucraniano para os estudos do Holocausto, tendo ainda o Yad Vashem como fonte primária das pesquisas.

Este projeto é mais uma ação que reforça o compromisso do Museu em construir parcerias com órgãos públicos, universidades, coletivos, organizações sociais, instituições internacionais e representações diplomáticas. Nossa experiência nos mostra que a construção da memória coletiva universal do Holocausto e a luta contra o racismo e os extremismos precisam ser travadas de forma socialmente conjunta.

É preciso unir forças entre grupos que trabalham individualmente e criar narrativas consonantes nos debates públicos sobre a intolerância. Temos que mergulhar nos lugares de fala, criar parcerias e juntar esforços entre pessoas e identidades que, mesmo possuindo suas próprias pautas, têm em comum a luta contra o ódio. Precisamos nos engajar em todas as lutas, de todas as minorias, não apenas restritas ao antissemitismo, para formarmos uma ampla voz, contribuindo para a construção de memórias diversas e combatendo seus silenciamentos. Assim, aumentaríamos a pressão e o clamor social para que ocorram mudanças de comportamento e que movimentos de cunho antissemita, autoritário ou fascista sejam constrangidos, calados e percam qualquer tipo de amplitude.



Apresentação

Rostyslav Tronenko, Embaixador da Ucrânia no Brasil

Babi Yar é um lugar terrível, até hoje é assustador passar por ele. Trata-se de uma necrópole para mais de 100 mil civis e prisioneiros de guerra.

Em 19 de setembro de 1941, as tropas da Wehrmacht entraram em Kiev. Em poucos dias, diversos edifícios da Cidadela de Kiev e Khreshchatyk foram destruídos. As explosões se tornaram uma ocasião conveniente para os ocupantes realizarem uma ação punitiva de demonstração. Os judeus foram culpados pelos atentados.

Nos dias 27-28 de setembro de 1941, anúncios apareceram nas paredes de casas, cercas e pilares em Kiev declarando que todos os judeus na cidade e seus arredores deveriam aparecer na esquina das ruas Melnikova e Degtyarivska até 8 de setembro às 8 horas. As pessoas tiveram que levar documentos, dinheiro, objetos de valor, bem como agasalhos, roupas íntimas e mais. Ao mesmo tempo que ocorriam as primeiras prisões e execuções.

O Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenskyy, durante o evento em memória das vítimas desta tragédia e a colocação de flores no monumento aos cidadãos executados pelos nazistas em Babi Yar, observou:

“Hoje, dependendo da idade e da educação, alguém vai ouvir essas duas palavras e números terríveis novamente, e outro pela primeira vez. Ouvirão que há 80 anos, no dia 29 de setembro de 1941, os ocupantes nazistas começaram as execuções em massa no trato de Babi Yar, nos dois dias seguintes mataram quase 34.000 pessoas. Nos dois anos seguintes em Babi Yar, os nazistas, segundo várias estimativas, executaram de 100 a 200 mil pessoas. Além de judeus, eles eram ucranianos, ciganos, prisioneiros de guerra e pacientes em hospitais psiquiátricos. Que um total de pelo menos seis milhões de judeus foram vítimas do Holocausto na Europa. E que um milhão e meio deles, ou seja, um a cada quatro mortos, eram da Ucrânia.

As gerações futuras precisam saber sobre os números terríveis, também saber sobre os crimes do nazismo, para que essas tragédias não voltem a acontecer na história da humanidade. É nosso dever para com elas preservar a memória da Segunda Guerra Mundial, em particular a tragédia de Babi Yar e o Holocausto. É nosso dever para com as gerações passadas honrar a memória de todos aqueles que morreram. A tragédia de Babi Yar, que aconteceu na Ucrânia há 80 anos, nunca deve acontecer novamente. Não na Ucrânia. Não em outras partes da Europa. Em nenhum lugar do mundo.”

Uma página separada na história de Babi Yar é o resgate de judeus condenados. Em 1963, o Instituto Nacional de Catástrofes e Heroísmo, Yad Vashem definiu os critérios para o título honorário de “Justos entre as Nações”. Em abril de 1989, o título honorário de “Justos de Babi Yar” foi estabelecido.



02

Atualmente, 662 pessoas foram agraciadas com o título. De acordo com o Yad Vashem, 2.659 ucranianos resgataram judeus durante a Segunda Guerra Mundial e foram reconhecidos como “Justos entre as Nações”.

NUNCA MAIS

É UMA LIÇÃO VITAL DE BABI YAR.

O mundo precisa conhecer e lembrar essa tragédia para que nossos descendentes não repitam os erros do passado. Por isso, é importante criar projetos de informação que esclareçam esses acontecimentos históricos. Para preservar a memória desta tragédia, este projeto foi criado a partir da cooperação entre instituições brasileiras e ucranianas, o Museu do Holocausto de Curitiba, o Instituto Ucraniano de Estudos do Holocausto “Tkuma” e o Museu “Em Memória do Povo Judeu e o Holocausto na Ucrânia” (Dnipro).

Os materiais informativos para tutores e alunos de instituições de ensino brasileiras são uma ferramenta ímpar para aprender sobre a trágica história dos povos judeu e ucraniano, cujos descendentes vivem em grande número no Brasil, em particular no estado do Paraná.

Agradeço sinceramente ao coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba, professor Carlos Reiss, e à comunidade judaica do Paraná por seus esforços para preservar a memória da tragédia de Babi Yar.

OS PRIMÓRDIOS DA VIDA JUDAICA EM KIEV

A história dos judeus na Ucrânia remonta às cidades-estados gregas fundadas na costa do Mar Negro, ainda no século VII AEC. Desde então, comunidades judaicas organizadas se estabeleceram e conviveram, dentre prosperidades e perseguições, sob o domínio de khazares, varegues, mongóis, lituanos, poloneses, russos, austro-húngaros e soviéticos.

O documento mais antigo mencionando judeus em Kiev é uma carta escrita por judeus do Cairo no século X. Crônicas judaicas do período citam frequentemente o "portão judaico" (zhydovski) de Kiev, principalmente durante o reinado de Yaroslav, o Sábio (século XI) na confederação chamada de Kievan Rus'.

Nos séculos seguintes, mercadores judeus foram atraídos à cidade, um próspero centro comercial situado no cruzamento das rotas que uniam, de um lado, a Europa Ocidental e, de outro, a região do Mar Negro, a Europa Oriental e o continente asiático. Laços familiares e culturais ligavam os judeus de Kiev a essas diversas regiões, demonstrando o caráter cosmopolita da comunidade judaica. As perseguições oriundas da Cruzadas e, mais tarde, da peste bubônica, também levaram judeus da Europa ocidental a migrar para a Ucrânia.

Períodos turbulentos, como a devastação da comunidade pela ocupação mongol no século XII e expulsões por ódio religioso em 1495 e 1619, se alternavam com momentos de acolhimento e prosperidade cultural e econômica.

Em 1648, ataques cossacos contra o domínio polonês na região acabaram se voltando contra os judeus. Os que já haviam sido expulsos de Kiev em 1619, mas permaneceram na região, foram atacados no que ficou conhecido como Gzeyres takh vetat (Malignos decretos). Relatos em crônicas judaicas variam entre 100 mil e 300 mil mortos, com mais de 300 comunidades destruídas.

No entanto, apesar da magnitude do desastre, muitos judeus retornaram à Ucrânia. Em Kiev, contudo, seu banimento perduraria até o fim do século XVIII, já sob domínio russo.

BABYN YAR de Liudmila Titova (1941)

Ninguém acreditava nos rumores da desgraça,
que assombrou a cidade durante a noite, e no pesadelo
Um novo dia, difícil, estava nascendo
sufocado em fuligem e queimado.
Pairava o silêncio sobre a cidade,
Soldados em cinza pareciam uma parede,
E o destino de alguém neste dia amaldiçoado
Foi irrevogavelmente traçado.

БАБИН ЯР, Людмила Тітова (1941)

Никто не верил слухам о беде,
Всю ночь кошмарил город, и в кошмаре
Рождался новый трудный, трудный день
И задыхался в копоти и гари.
Над городом стояла тишина,
Стеной стояли серые солдаты,
И чья-то участь в этот день проклятый
Была бесповоротно решена.

Possivelmente, o primeiro poema conhecido sobre o tema foi escrito no mesmo ano em que ocorreram os massacres. Liudmila Titova era uma jovem poetisa judia ucraniana de Kiev e testemunha ocular dos acontecimentos. Seu poema, Babi Yar, foi descoberto apenas na década de 1990.

OS JUDEUS DE KIEV, O ANTISSEMITISMO E A MODERNIDADE

A partir do fim do século XVIII, as transformações sociais tanto externas quanto internas às comunidades geraram metamorfoses na maneira com que os judeus passaram a viver e a ser vistos na Europa. Um exemplo é o Chassidismo, uma corrente judaica religiosa fundada em 1740. Nascida nos povoados da Ucrânia aglutinados pela miséria, o movimento acentuava o elemento emotivo e promovia a espiritualidade por meio da popularização do misticismo judaico.

A expansão dessas ideias deu-se pela instabilidade social que interferia na vida judaica, bem como a pobreza e as perseguições. A proposta se tornou muito popular na região, onde a secularização que acontecia na Europa Ocidental chegava com muito atraso. Além disso, a despreocupação com a erudição e a adoção de uma forma de oração com inspiração no canto e na alegria foram fundamentais para o crescimento. Este olhar teve consequências sociais significativas em toda Europa Oriental, tornando-o o mais popular entre a ortodoxia judaica.

Domínio Czarista

Já no decorrer do século XIX, súditos indesejáveis dos czares, os judeus dos territórios ucranianos (com exceção da Galícia, sob domínio austro-húngaro) estavam sujeitos às leis e imposições promulgadas pelo Império Russo. Parte delas atacava as bases econômicas da população judaica, por exemplo, proibindo-os de arrendar terras.

A violência era constante. Durante os distúrbios de 1821, em Odessa, após a morte do patriarca ortodoxo grego em Constantinopla, 14 judeus foram mortos no episódio que ficou conhecido como o primeiro "pogrom". O termo se tornou comum cerca de 60 anos depois, quando uma onda de violência antijudaica varreu o sul do Império Russo, incluindo a Ucrânia. Um grande divisor de águas na história judaica ucraniana ocorreu em março de 1881, quando Alexandre II foi assassinado. Rumores circularam de que o novo czar, Alexandre III, dera ao povo o direito de "espancar os judeus" em retaliação, e ataques continuaram esporadicamente pelos três anos seguintes, com a maior concentração em território ucraniano.

Em 1882, o governo czarista deu mais um passo contra a população judaica. O novo conjunto de decretos, intitulado "Leis de Maio", era discriminatório e cruel, restringindo ainda mais as liberdades. Os pogroms de 1881-1884 geraram consequências definitivas para os judeus de todo o mundo, tendo seu embrião na Ucrânia.

O fracasso em agir contra os pogroms tornou-se uma política de cumplicidade, com o czar Nicolau patrocinando a publicação da notória falsificação antissemita "Os Protocolos dos Sábios de Sião" e até processando um judeu de Kiev, Mendel Beilis, sob a absurda acusação medieval de sequestrar uma criança cristã e assassiná-la por causa de seu sangue. Um júri de camponeses ucranianos absolveu Beilis em 1913.

A atmosfera de ilegalidade, com a aparente incapacidade ou falta de vontade das autoridades russas em controlar a violência, levou os judeus a considerar alternativas para a autoexpressão política. O ritmo da emigração, que aumentou a partir de 1870, se acelerou em direção à Europa Ocidental e principalmente à América.

As primeiras agitações do sionismo moderno também ocorreram na Ucrânia, articuladas pelo movimento BILU, fundado no leste do país e enviando seus primeiros colonos para estabelecer comunidades na Palestina otomana. Grandes pensadores sionistas como Lev Pinsker e Ahad HaAm eram ativos em Odessa, e foi um encontro de sionistas na Ucrânia em 1903 que rejeitou a oferta britânica de território africano como futuro lar nacional dos Judeus, o "Plano Uganda".

Apesar de muitos buscarem a América ou novos locais como refúgio, outros judeus achavam que deixar o Império Russo não era uma solução viável para os dilemas triplos de dificuldades econômicas, violência antissemita e inação do governo. Eles imaginavam que os problemas deveriam ser enfrentados por meio de uma mudança potencialmente radical. Milhares de jovens foram atraídos por movimentos revolucionários. Uma ampla gama de partidos socialistas judaicos, notadamente o Bund, espalhou-se pela região. Outra opção popular era o partido híbrido sionista-socialista conhecido como Poalei Tsion (Trabalhadores de Sião). Essas organizações políticas, que inicialmente foram forçadas a operar clandestinamente, tornaram-se cada vez mais ativas após a Revolução de 1905.

BABYN YAR **de Mykola Bazhan** **(1943)**

O vento mortal soprava das ravinas -
fumaça de lareiras mortais, de corpos fumegantes.

Olhava Kyiv, enfurecido Kyiv,
Como uma chama a Babyn Yar varria.
Dessa chama não pode ter redenção,
Estas cinzas ainda não tem medida da vingança.
Maldito aquele que disse para esquecer!
Maldito aquele que disse: "Desculpe"!

БАБИН ЯР, **Микола Бажан** **(1943)**

Могильний вітер з тих ярів повіяв –
Чад смертних вогнищ , тіл димучих згар
Дивився Київ гнівнолиций Київ,
Як в полум'ї метався Бабин Яр.
За пломінь цей не може быть покути,
За погар цей нема ще міри мсти.
Будь проклят той, хто звабиться забути!
Будь проклят той, хто скаже нам – « прости»!

Mykola Bazhan (1904-1983) escreveu um poema chamado Babi Yar em 1943, descrevendo explicitamente os massacres na ravina. Bazhan foi nomeado para o Prêmio Nobel de Literatura de 1970. O Partido Comunista o forçou a recusar a indicação.

KIEV JUDAICA E AS GUERRAS MUNDIAIS (1914-1941)

Em 1917, a Revolução Russa e o conseqüente fim do czarismo acabaram com a discriminação de caráter legal contra os judeus do antigo Império Russo, que agora estariam sob as mesmas leis e não teriam mais restrições profissionais ou territoriais.

Entre 1917 e 1920, o território ucraniano foi palco de disputas entre Polônia, Ucrânia e a Rússia soviética, alternando momentos de expansão de direitos, em que o iídiche chegou a ser reconhecido como uma das línguas oficiais da Ucrânia, com violentíssimos pogroms que mataram ao menos 30 mil judeus - mas estimativas apontam para até 100 mil mortos. A maior parte desses pogroms foi incentivada ou levada a cabo por nacionalistas ucranianos ou pelo exército branco, que acusavam os judeus de estarem ao lado dos bolcheviques; em algumas ocasiões, no entanto, estes também acusaram os judeus de estarem lutando contra a Revolução Russa e atacaram comunidades judaicas. Com isso, milhares de judeus também deixaram a Ucrânia em direção a Polônia, países da Europa Ocidental, Terra de Israel e o continente americano.

Nos anos 1920, a Ucrânia se tornou uma república soviética com população judaica de mais de um 1,5 milhão de pessoas, pouco mais de 5% dos ucranianos. Gradativamente, desde fins do século XIX, judeus deixavam os pequenos povoados de densa população judaica - os shtetls, marcados por um lado pela miséria e pelo antissemitismo, e por outro pela intensa produção da cultura iídiche - em direção às cidades, com destaque para Odessa e Kiev, onde eram quase um terço dos habitantes.



A relação da comunidade judaica com o regime soviético em seus primeiros anos foi ambígua. Instituições religiosas e sionistas foram fechadas. No entanto, a cultura iídiche - língua materna da grande maioria dos judeus da região - e grupos judaicos proletários floresceram, com a criação e expansão de teatros, editoras, escolas e centros culturais.

Nos anos 1930, a consolidação do poder de Josef Stalin e os expurgos stalinistas atingiram duramente a vida cultural judaica em toda a Ucrânia. Ao mesmo tempo em que eram acusados de contrarrevolucionários pelo governo soviético, muitos ucranianos, passando pelas penúrias do processo stalinista de coletivização das terras, associavam judeus ao comunismo e ao regime soviético. Dessa forma, apesar das condições de vida da maioria dos judeus ter melhorado significativamente, continuavam enfrentando antissemitismo arraigado tanto na sociedade e no governo.

RAVINAS DE KIRILLOV
de Olga Anstei
1943)

(...) A última tigela. Os mesmos lugares
Onde a natureza sonolenta se alegrou -
Pessoas estranhas e fatídicas
Tomaram-se Gólgota, o pé da cruz.
Ouçam! Eles foram colocados em operação,
Em pilhas de pertences empilhados em pratos,
Meio sufocados, meio mortos
Cheios de terra pela metade... (...)

КИРИЛЛОВСКИЕ ЯРЫ,
Ольга Анстей
(1943)

Чаша последняя. Те же места,
Где ликовала дремотно природа -
Странному и роковому народу
Стали Голгофой, подножьем креста.
Слушайте! Их поставили в строй,
В кучках пожитки сложили на плитах,
Полузадохшихся, полудобитых
Полузаваливали землей...

A poetisa de Kiev, **Olga Anstei** (1912-1985), escreveu Kirillovskie iary (Ravinhas de Kirillov, outro nome para Babi Yar) ainda em 1943, logo após os alemães abandonarem a cidade. O poema contrasta sua memória da ravina Babi Yar como um lugar de prazer com a crueldade perversa lá perpetrada. Ela e seu marido, o poeta Ivan Elagin, desertaram da União Soviética naquele mesmo ano e se estabeleceram nos Estados Unidos.

OPERAÇÃO BARBAROSSA E A OCUPAÇÃO ALEMÃ EM KIEV

Em 22 de junho de 1941, a 2ª Guerra Mundial e o Holocausto chegariam aos territórios da então URSS. Tendo já ocupado boa parte da Europa Ocidental, Hitler e o alto comando nazista não viam mais motivos para manter o pacto de não agressão firmado com a URSS menos de dois anos antes e decidiram invadir a principal potência do Leste Europeu.

Para os nazistas, a guerra contra a URSS era diferente da invasão aos demais países. Vendo o comunismo como o grande inimigo ideológico, Hitler falava em esmagar por completo o regime bolchevique. Além disso, a porção ocidental da URSS, sobretudo a atual Ucrânia, era estratégica em recursos naturais e vista como parte do grande “espaço vital” a ser povoado por alemães. Finalmente, a região concentrava uma expressiva população judaica que, na ótica nazista, deveria ser dizimada.

Começava assim a maior e mais mortal operação militar alemã na guerra, denominada de Operação Barbarossa, contando com mais de 3 milhões de soldados. Nas primeiras semanas, o avanço nazista foi avassalador e rapidamente estavam tomadas as regiões correspondentes hoje a países como Ucrânia, Moldávia, Belarus, os países bálticos e a parte da Polônia ocupada pela URSS em 1939.

Ao contrário do que desejava Hitler - que esperava estar em Moscou antes do inverno - contudo, o avanço nazista foi contido, com destaque para a decisiva batalha de Stalingrado, mesmo que ao custo de milhões de vidas de militares e de civis.



O fracasso da invasão à URSS seria decisivo para a derrota alemã e também para a configuração global da guerra fria nas décadas seguintes. Antes, no entanto, de ser derrotada por completo, a Alemanha nazista manteve uma brutal ocupação na porção ocidental do território soviético.

Os nazistas marcharam sobre Kiev, uma das principais cidades ocupadas, em 19 de setembro de 1941, após uma sangrenta batalha na qual 600 mil soldados soviéticos foram mortos ou capturados (destes, a maioria seria morta nos meses seguintes). As lideranças políticas comunistas que não haviam escapado foram caçadas e mortas. Nos dois anos seguintes, a fome e o constante terror de ser morto ou levado para trabalhos forçados se tornaram a tônica da cidade, que permaneceria ocupada até 6 de novembro de 1943.

Aos grupos especialmente odiados pelos nazistas, com destaque aos judeus, estava reservado um destino particularmente cruel.

**БАБИН ЯР,
Илья Эренбург
(1945)**

К чему слова и что перо,
Когда на сердце этот камень,
Когда, как каторжник ядро,
Я волочу чужую память?

Я жил когда-то в городах,
И были мне живые миль,
Теперь на тусклых пустырях
Я должен разрывать могилы,
Теперь мне каждый яр знаком,
И каждый яр теперь мне дом.
Я этой женщины любимой
Когда-то руки целовал,
Хотя, когда я был с живыми,
Я этой женщины не знал.
Мое дитя! Мои румяна!
Моя несметная родня!
Я слышу, как из каждой ямы
Вы окликаете меня.
Мы понатужимся и встанем,
Костями застучим - туда,
Где дышат хлебом и духами
Еще живые города.
Задуйте свет. Спустите флаги.
Мы к вам пришли. Не мы - овраги.

**BABYN YAR
de Ilya Ehrenburg
(1945)**

Para que servem as palavras e o que é uma caneta,
Quando no meu coração há um fardo,
como a bola e a corrente de um condenado,
A memória de outra pessoa estou carregando?

Costumava viver nas cidades,
Onde a vida era repleta de prazeres,
Mas agora em vazios sem alegria
As sepulturas que cavo são o meu tesouro.
Agora, cada encosta que vejo,
Para mim é a minha casa.
Eu era querido desta mulher -
Cuja mão eu beijei certa vez -
E ainda na terra entre os vivos
Essa mulher eu não conheci.
Meu filho! Meu rubor!
Meus incontáveis parentes!

Eu posso ouvir de cada vala
que vocês estão me chamando.
Nos levantemos e empurremos,
Com nossos ossos bateremos -
Onde respiram os aromas do pão e os perfumes
as cidades ainda vivas.
Apaguem as luzes. Abaixem as bandeiras.
Viemos até vocês. Não nós, - voçorocas.

Ilya Ehrenburg (1891-1967) escreveu seis poemas sobre o Holocausto que apareceram pela primeira vez sem títulos (identificados apenas por números) entre 1945-46. Em um deles, ele escreveu sobre a "ravina da avó" por meio do uso repetitivo de palavras: Agora, cada ravina é minha expressão, / E cada ravina é minha casa. O título real do poema, Babyn Yar, foi restaurado apenas em uma coleção de 1959 de sua obra.

EINSATZGRUPPEN E SOLUÇÃO FINAL

Durante a invasão nazista à URSS, surgia a questão de qual seria o destino da população judaica deste país, uma minoria expressiva, sobretudo na porção ocidental ocupada pela Alemanha nazista e que não tinha lugar na nova ordem.

Os planos de parte do governo nazista de expulsar os judeus se mostravam cada menos viáveis à medida que mais deles ficavam sob controle alemão. Estes planos seriam definitivamente abandonados com as dificuldades de avanço dentro do território locais seria difícil e complexo.

A atmosfera de “guerra total” desencadeada na invasão à URSS também criava o ambiente adequado para que a perseguição e opressão aos judeus perpetrada pelo regime nazista fosse levada a um novo patamar: a Solução Final.

Solução Final foi o código utilizado pelos nazistas para referir-se à execução do plano de aniquilação sistemática dos cerca de 11 milhões de judeus da Europa. O número não incluía apenas aqueles residentes nas áreas controladas pelo Eixo, mas, idealmente, também as populações judaicas do Reino Unido, das áreas ainda não ocupadas da URSS e das nações neutras. A estrutura mais conhecida foram os campos de extermínio, nos quais milhões de judeus - bem como ciganos, prisioneiros políticos e outros grupos perseguidos - foram aniquilados. Grande parte da historiografia concorda, porém, que se iniciou um pouco antes, durante a invasão alemã à URSS.

No extermínio da população judaica da URSS, desempenharam papel fundamental os Einsatzgruppen. Estas eram unidades especiais da SS criadas em 1938 e que respondiam diretamente ao alto comando nazista, especificamente Reinhardt Heydrich e Heinrich Himmler. Seus comandantes eram, em sua maioria, recrutados entre os alemães mais ideologicamente comprometidos com o nazismo, muitos deles com alto nível de instrução formal. Essas unidades acompanhavam o avanço do exército regular alemão com a função de eliminar lideranças políticas hostis e focos de resistência na população civil, apreender locais estratégicos,



prevenir sabotagens e recrutar colaboradores. Geralmente, os Einsatzgruppen chegavam a um local pouco depois do exército regular e fuzilavam seus alvos - na maior parte dos casos em florestas e ravinas nos arredores, em valas escavadas pelos próprios prisioneiros, embora houvesse casos de fuzilamentos dentro das cidades ou enforcamentos de membros da resistência com o explícito intuito de aterrorizar a população civil.

Os Einsatzgruppen estavam divididos em quatro grupos operacionais: Einsatzgruppen A, B, C, D, cada um com entre 500 e 1000 homens. A região de Kiev era responsabilidade do Einsatzgruppen C.

Inicialmente, os Einsatzgruppen, ao chegarem a uma nova cidade ocupada, eliminavam as lideranças políticas locais, membros do partido comunista e homens judeus adultos - pois estes eram classificados automaticamente como partisanos, independentemente de sua real participação em grupos de resistência armada ou não. Porém, com o avanço da Operação Barbarossa, o Einsatzgruppen A, que atuava nos países bálticos, passou a exterminar a população judaica de modo geral, o que foi seguido pelos demais já no fim do verão de 1941.

Além do extermínio direto, os Einsatzgruppen também estavam instruídos a incentivar ataques da população civil contra judeus. Essas ações foram responsáveis pelo assassinato de mais de um milhão de judeus, além de ciganos roma, comunistas e soldados soviéticos capturados em batalha. Frequentemente, os Einsatzgruppen eram auxiliados pelo exército alemão, pela polícia e por colaboradores dentre a população local, para delatar e encontrar judeus escondidos, no deslocamento até o local do massacre e, por vezes, em sua execução direta.

CRUZ DE ELENA TELIGA de Leonid Vysheslavsky

Onde o Yar profundo
é visto ter se movido,
onde relvas memoráveis são as
páginas de um livro aberto -
viemos para te adorar,

A cruz de
Elena Teliga.

O espírito orgulhoso da nação,
em meio a lágrimas e preocupações,
ela protegeu
contra leis desumanas
e foi para a batalha,
uma batalha dura e severa,
contra dois
dragões mortais.

O inimigo do Ocidente,
também o inimigo do Norte que destroçam,
a alma de sua terra natal
loucamente ...

E, através da última fronteira de fogo, ela,
firme e orgulhosa, carregava essa cruz
Elena.

КРЕСТ ЕЛЕНЫ ТЕЛИГИ Леонід Вишеславський

Там, где Яра глубокого
видится тронулся,
там, где памятные травы -
страницы раскрытой книги -
мы приходим, чтобы поклониться тебе,
крест

Елены Телиги.

Гордый нации дух
среди слез и тревог
защищала она
от нечеловеческих законов
и выходила в бой,
бой суровый, тяжелый,
против двух
смертоносных драконов.

Враг с Запада,
с Севера враг также -
душу родного края
они раздирают безумно ...

И поэтому сквозь последний огненный рубеж
неуклонно и гордо пронесла этот Крест свой
Елена.

Leonid Vysheslavsky (1914-2002) foi um poeta, crítico literário e tradutor ucraniano. Ele escreveu nas línguas russa e ucraniana e publicou mais de 60 livros de poemas, prosa e traduções. Um dos principais temas da poesia de Vysheslavsky é a fuga ao espaço, como contato humano com o Universo. Sua poesia "Babyn Yar" não foi datada.

O MASSACRE DE

BABI YAR



Nas semanas que antecederam a ocupação alemã em Kiev, mais da metade dos judeus locais havia fugido para o Leste ou sido mobilizada no exército. Embora desconhecidas, as notícias sobre fuzilamentos executados pelos Einsatzgruppen chegavam e a maioria dos judeus com possibilidade de fugir o fez. Quando as tropas nazistas ocuparam a cidade, havia cerca de 60 mil judeus remanescentes, com grande proporção de idosos, crianças e pessoas que encontraram dificuldades para fugir.

Na época da tomada da cidade, já havia uma orientação de extermínio completo dos judeus nas áreas ocupadas da URSS. Em outras regiões, tais ações costumavam ser precedidas de etapas intermediárias - registro, concentração, isolamento e marcação de judeus. Em vez disso, nenhuma dessas medidas foi tomada em Kiev - os nazistas recorreram a métodos acelerados de extermínio.

Na semana seguinte à ocupação, a resistência soviética implantou bombas em prédios da administração militar nazista. As forças de ocupação usaram o evento como pretexto para culpar os judeus e iniciar uma ação de punição coletiva. Em 27 de setembro de 1941, 1600 prisioneiros judeus foram executados. No dia 28, uma convocatória ordenava que os judeus de Kiev comparecessem na manhã seguinte, no cruzamento das ruas Dehtiarivska e Melnykova, portando documentos e dinheiro, sob ameaça de morte caso descumprissem a ordem.

Compareceram ao local mais de 33 mil judeus, muitos dos quais acreditavam que seriam realocados - o que parecia uma opção menos ruim do que a morte caso recusassem e fossem descobertos. Em grupos de 500 a 600 pessoas, os judeus eram levados por policiais alemães e colaboradores locais sob supervisão de membros do Einsatzgruppen C para a ravina de Babi Yar, no noroeste da cidade.

Uma vez tendo entregue seus documentos, pertences e roupas, eram orientados a descer a ravina e se deitar um ao lado do outro, para serem então fuzilados. Quem tentasse escapar era morto. Somente nos dias 29 e 30 de setembro, foram assassinadas 33.771 pessoas - segundo os relatórios do próprio Einsatzgruppen -, em um dos maiores massacres ocorridos durante a ocupação alemã na URSS. Logo após, prisioneiros de guerra foram ordenados a cobrir os corpos com terra.

Sabe-se que as execuções da população judaica de Kiev, embora em menor escala, continuaram na primeira metade de outubro e, posteriormente, até 1942. De acordo com documentos de unidades nazistas, aconteceram na cidade outras "ações sob as leis da guerra", eufemismo dos relatórios da SS para se referir às execuções.

Nos meses seguintes, aproximadamente 70 mil outras pessoas foram assassinadas em Babi Yar, entre judeus que haviam se escondido, ciganos roma, comunistas, soldados soviéticos capturados e civis acusados de envolvimento em atividades antinazistas.

A RAVINA de Moysey Fishbeyn (1974)

Яр, Мойсі Фішбейн (1974)

Após formar-se em Filologia em Kiev, **Moysey Fishbein** (1946-2020) foi editor da Enciclopédia Soviética Ucraniana antes de emigrar para Israel, em 1979. Em 2003, retornou a seu país-natal. Ele sempre se considerou um nacionalista ucraniano, participando ativamente da vida social e política. Seu discurso na reunião de réquiem sobre a tragédia do Holodomor, em 2006, é frequentemente citado. Seu poema Babi Yar foi traduzido para o inglês por Roman Turovsky.

I. Pássaros batem suas asas
Contra o silêncio da manhã.
Uma voz solitária.
Uma estrela solitária.
Pegadas de ontem
Ainda não apagadas.
Uma noite sem a canção de berço.
Rostos de ontem
Ainda no espelho.

Rachel está dormindo,
Ainda sem um buraco na testa.
Uma chamada solitária.

A estrela se foi.
Os pássaros observam a terra
Do céu gelado.

Movimento de pés. Tumulto. Um grito. Em seguida, barulho.

Aqui eles andam
sobre paralelepípedos duros e frios,
milhares de pessoas
caminham entre paredes duras e impiedosas,
levando junto

Rachel, ainda sem um buraco na testa.
Aqui está, a testa, a testa de uma criança
sem um buraco,

eles a carregam em direção às metralhadoras.
Movimento de pés. Barulho. Um grito. Tumulto.

Do céu,
pássaros olham para baixo
na terra.

II. Guindastes sobre Babyn Yar -
Setembro está sofrendo.
Guindastes sobre Babyn Yar -
O que resta de esperança.
Sombras negras em silêncio pesado,
Na solidão
Os guindastes voam acima do outono, acima do dia, da noite,
Corpos de guindastes
Leve o inatingível em todas as asas
e desaparecer no nevoeiro.
Em Babyn Yar, os guindastes estão em chamas,
essas lágrimas de setembro.

DINA PRONICHEVA

(1911-1977)



Dina (Vera) Mironovna Pronicheva nasceu em Chernihiv, no norte da Ucrânia (então Império Russo), em uma família judia pobre, e cresceu em Kiev. Lá, conheceu e se casou com Nikolai Pronichev, um rapaz russo, com quem teve dois filhos. Em 1941, quando a Alemanha nazista invadiu a URSS, Dina era uma atriz do teatro de fantoches.

Em setembro de 1941, com a retirada do exército soviético, Dina optou por permanecer em Kiev por causa dos filhos pequenos. No dia 28, os judeus foram convocados a se apresentar na manhã seguinte sob pena de morte caso não o fizessem. Dina e seus dois filhos moravam na casa da sogra de Dina, uma russa cristã. Porém, a irmã de Dina havia ficado em Kiev para cuidar de parentes idosos e pediu para ela acompanhá-la para ajudar a carregar os pertences de seus parentes. Assim, Dina deixou os filhos com a avó não-judia e foi acompanhar a família.

Chegando no ponto combinado, os judeus começaram a ser levados em grupos para um local ainda desconhecido - Babi Yar -, sendo no caminho violentados por guardas nazistas. Escutando os tiros, Dina tentou se salvar alegando não ser judia - o sobrenome do marido corroborava o argumento. Os guardas até acreditaram, mas decidiram que ela também deveria ser fuzilada para não haver testemunhas.

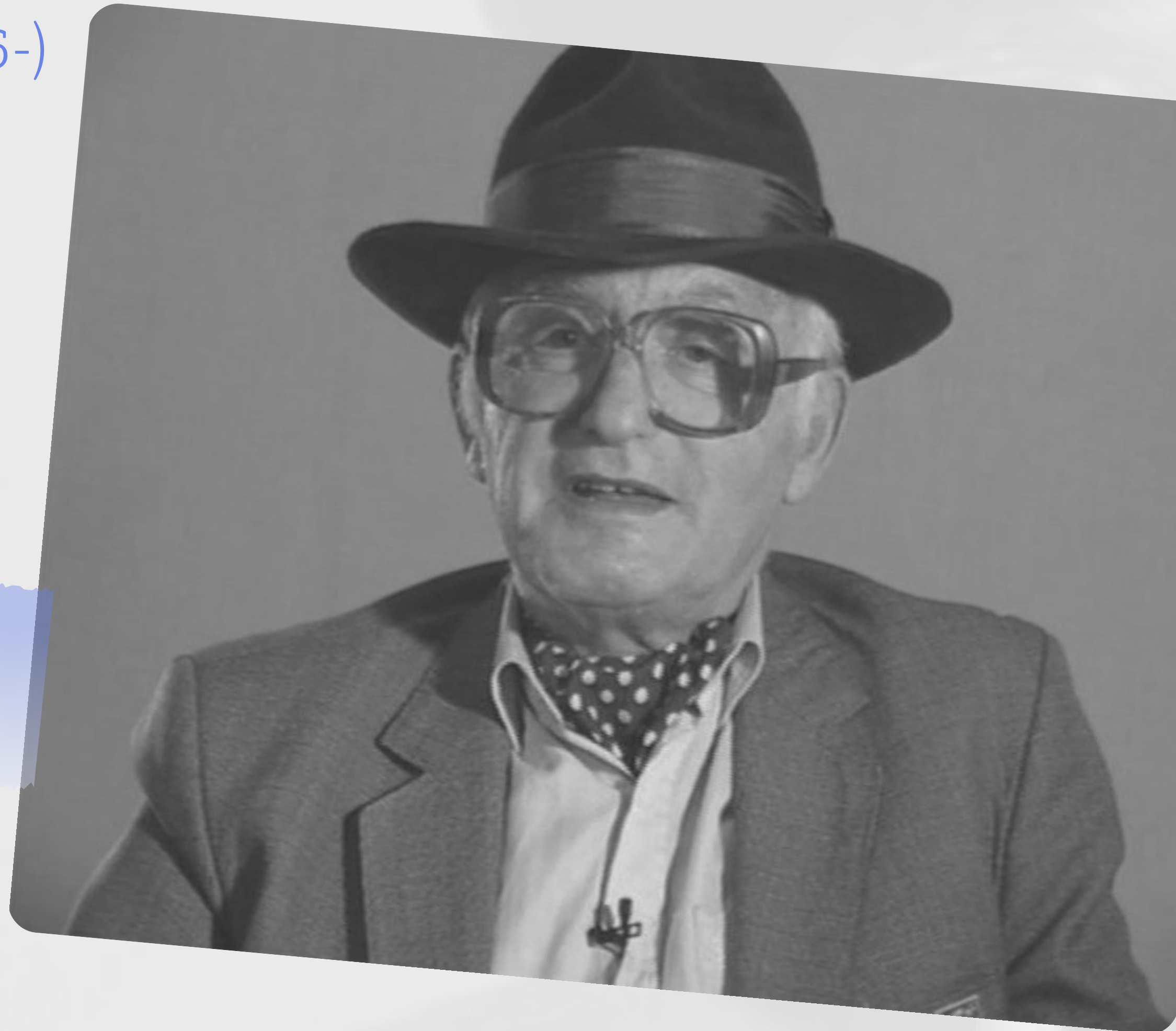
Dina foi ordenada a entrar na ravina. Porém, pouco antes de ser fuzilada se jogou em meio aos corpos e se fingiu de morta, permanecendo sem se mexer ou emitir qualquer som, mesmo ao ser pisoteada. Quando percebeu que não havia ninguém por perto, escapou.

Nos dois anos seguintes, Dina se escondeu em casas de conhecidos, principalmente do meio teatral. Foi denunciada e escapou diversas vezes. Quando Kiev foi liberada, Dina voltou para procurar seus filhos, encontrando-os após meses, em orfanatos - seu marido fora preso e morto.

Em 24 de janeiro de 1946, Dina foi a única sobrevivente de Babi Yar a testemunhar em um julgamento realizado em Kiev de 15 membros da polícia alemã que atuaram na ocupação da cidade. Mais tarde, ela relatou sua história ao escritor Anatoly Kuznetsov, que a publicou em "Babi Yar: um documento em forma de romance", cuja primeira versão (reduzida pela censura soviética), publicada em 1966, foi um dos primeiros livros a relatar o massacre de Babi Yar. Dina continuou vivendo em Kiev e trabalhando em um teatro de fantoches.

DAVID AYZENBERG

(1926-)



David Ayzenberg nasceu em 1926, em Kiev. Na manhã de 29 de setembro de 1941, ele e sua família, seguindo as ordens dadas aos judeus pelas forças de ocupação nazistas, compareceram no cruzamento próximo ao cemitério judaico portando documentos, roupas para duas semanas e bens de valor. Após chegarem ao local, os judeus começaram a ser conduzidos por nacionalistas ucranianos, colaboradores dos nazistas, em direção a Babi Yar.

David não sabia ainda qual seria seu destino. Porém, quando viu um soldado alemão tirando um bebê dos braços de seu avô e o matando, percebeu que os judeus estavam sendo levados para a morte. Empurrados por guardas com cães, David, em um grupo de cerca de 100 judeus, chegou até a ravina. Foi quando se tornou possível ver, do outro lado, cerca de 12 alemães armados.

Chocado com a visão de tantos cadáveres, David desmaiou e caiu em meio aos mortos antes que pudesse ser atingido por um tiro. Quando recobrou a consciência, soldados nazistas estavam verificando se todos estavam mortos e executando os que permaneciam vivos. Um soldado pisou na perna de David que, para não emitir nenhum som, mordeu com força um dedo de sua mão. David permaneceu mais dois dias na pilha de corpos até ter uma oportunidade para fugir de lá.

RAISA

(1911-?)

DASHEKEVICH



18

Raissa (Raya) Dashevich nasceu em 1911 e vivia em Kiev. Em 28 de setembro de 1941, todos os judeus foram convocados para ir à esquina das ruas Melnikov e Degtyaryov, munidos de seus objetos de valor e identificação - o não cumprimento dessa ordem seria punido com fuzilamento. Essas ruas já eram localizadas fora da cidade, onde as estradas de ferro terminavam. Havia guarnições do exército e dois cemitérios próximos: um russo, que estava fechado, e outro judaico.

Para ela, as ruas se pareciam a rios: cheio, com dezenas de pessoas seguindo o fluxo, sem que nenhuma delas soubesse o que aconteceria. Quando chegaram ao cemitério, um beco sem saída, Raissa e a família avistaram soldados e desconfiaram. Os militares mandaram todos tirarem suas roupas e pertences, colocando-os em duas pilhas, uma para comida e a outra para o restante.

Raissa caminhava com seu filho no colo, ainda bebê. Um corredor foi formado, e as pessoas que passavam em seu interior eram empurradas e agredidas com cassetetes. Foi quando Raissa abraçou seu bebê para que apenas ela recebesse os golpes. À medida que chegavam perto da vala, ouviam os tiros de metralhadora. Nesse momento, ao ouvir gritos de crianças, gemidos de idosos e berros de mães que tinham seus bebês arrancados para serem atirados vivos na ravina, ela entendeu o que acontecia.

Do outro lado da ravina, os guardas alemães atiravam pela frente, mirando na cabeça das pessoas que, quando atingidas, caíam na vala. Na família de Raissa, quem caiu primeiro foi seu pai, depois sua mãe e, por fim, suas irmãs. Raissa acordou ao anoitecer, com frio e sentindo muito peso. Ela estava debaixo de corpos e não conseguia se mover, mas continuou abraçando seu bebê que, após um tempo, percebeu que já estava gelado demais. Ele não havia sobrevivido.

Raissa perdeu e recuperou a consciência por várias vezes. Numa delas, acordou à noite e conseguiu rastejar pela vala íngreme, vestindo apenas roupas íntimas. Quando saiu, andou em direção a fazendas próximas. Bateu à porta de uma casa, uma camponesa a atendeu e ela desmaiou novamente. Acordou já dentro da casa dessa senhora ucraniana, que lhe deu banho, a alimentou e cuidou de suas feridas por três dias, antes de Raissa partir. Caso fosse descoberta, todos seriam mortos.

Retornou para Kiev, mas encontrou uma cidade estranha e hostil. Três amigos rejeitaram lhe prestar ajuda. Um ancião da igreja, Ivan Bondarenko, a acolheu, arranjou documentos falsos atestando-a ucraniana cristã e a protegeu até o fim da Guerra. Nas décadas seguintes, Raissa decidiu manter sua identidade falsa. Ela escondeu sua história de seu segundo marido, que morreu em 1976, e do terceiro, mesmo este também sendo judeu. Apenas em 1991, ela revelou sua identidade e passou a usar um pingente com uma grande estrela de David no pescoço. Todos os anos, próximo ao dia do massacre, ela vai até Babi Yar visitar o local onde seus familiares foram assassinados.



LUDMILA

(1936 - 2002)

TKACH

Ludmila nasceu em 1936 em Tarashcha (atual Ucrânia, então URSS). Um shtetl, ou seja, um vilarejo em que grande parte da população era judia. Quando ainda era pequena, se mudou com a família para Kiev.

Em 29 de setembro de 1941, data em que os judeus deveriam se apresentar, Ludmila, então com 4 anos, e sua mãe Yelena foram retiradas de casa e levadas para junto dos demais judeus, em uma multidão que aumentava a medida que se aproximavam do cemitério judaico. A mãe de Ludmila carregava a filha nos braços e acreditava que seriam transferidas para algum lugar.

Ludmila e sua mãe passaram o dia esperando, vendo grupos de 100 a 150 judeus serem levados para a região do outro lado do cemitério, onde ficava Babi Yar. À noite, chegou a vez delas, que estavam no último grupo. Ao chegarem, encontraram a área cercada com arame farpado; só havia como entrar, não como sair.

No caminho, havia uma mesa, na qual deveriam apresentar documentos pessoais e entregar todos os pertences. Yelena deixou lá seu anel e o vestido que usava. Só então foi possível escutar os tiros e gritos das execuções. Assustada, a pequena Ludmila pediu para ir embora, mas não era possível; sua mãe lhe disse para ficar quieta, pois era a única chance de escaparem.

Quando estavam à beira da ravina esperando pelo fuzilamento, Yelena jogou a filha sobre a pilha de corpos e logo depois se jogou também, imediatamente antes dos tiros que as atingiriam. Mais tarde, soldados alemães verificavam se havia alguém ainda vivo. Yelena deitou-se sobre a filha, segurando seu rosto para que pudesse respirar e se fingiu de morta. Quando viu que os soldados haviam se afastado, a mãe de Ludmila saiu da pilha de corpos. A filha não reagia, mas, mesmo sem saber se estava morta ou viva, levou Ludmila consigo. Na fuga, as duas passaram por baixo do arame farpado, fazendo um corte cuja cicatriz Ludmila carregaria pelo resto da vida.

Quando Ludmila recobrou a consciência, ela e sua mãe já estavam afastadas de Babi Yar e se esconderam em uma fábrica de tijolos.

Ludmila e a mãe sobreviveram ao restante da guerra escondidas em casas de conhecidos. Uma delas, Valentina Litvinenko, que escondeu as duas por um mês em sua casa, foi, em 1992, reconhecida como uma Justa entre as Nações. Ao fim da guerra, retornaram a Kiev. Yelena faleceu em 1982. Ludmila se mudou, já idosa, para Los Angeles, nos EUA, onde faleceu em 2002.

DINA

(1927 -)

LEVINA



20

Dina Levina nasceu em 1927 em Kiev, em uma família judia. Quando receberam a convocação para se apresentar em 29 de setembro de 1941, sua família e seus vizinhos judeus temeram a morte caso não comparecessem. Dina, que aprendera um pouco de alemão na escola, perguntou a um soldado alemão para onde iriam e ele lhes disse que seriam transferidos. Acreditando nisso, compareceram ao local indicado com seus pertences, inclusive os álbuns de fotografias da família.

Dina e a família saíram de casa de manhã cedo. Entre caminhadas e paradas, chegaram a Babi Yar no fim da tarde, mas não sabiam o que os aguardava. Havia soldados nazistas com seus cães, mas Dina não escutava tiros ou nada que a deixasse alarmada. Quando foi solicitado que todos deixassem seus pertences em um local, a mãe de Dina tentou argumentar que estava com álbuns de fotografia, mas ninguém lhe deu atenção.

Foi quando viram nazistas arrancando os dentes de ouro de outras pessoas e, ao se aproximarem da ravina, escutaram tiros. Ali, perceberam que cada vez mais pessoas ao seu lado começavam a chorar. Dina e sua mãe estavam de mãos dadas quando subiram na ravina e viram a pilha de corpos daqueles assassinados antes delas. Ouviram o som dos disparos e caíram dentro da ravina. Não muito tempo depois, anoiteceu e o massacre pararia até o dia seguinte.

De madrugada, Dina conseguiu remover os corpos que estavam acima dela e, apesar de ferida, se mexer. Com a ajuda de duas outras mulheres que também estavam vivas, conseguiram sair da ravina. Dina passou na pilha de roupas e pegou um casaco. Se afastou de Babi Yar e conseguiu voltar para casa.

Dina sobreviveu o restante da guerra escondida e com o nome falso de Dusia Pilipenko. Após a guerra, restabeleceu sua vida em Kiev.

YELENA GORODETSKY

(1935 -)



Quando Yelena tinha seis anos de idade, os nazistas invadiram Kiev, onde a família vivia. Muitos de seus conhecidos judeus haviam fugido em direção ao leste - mas o avô de Yelena, recordando o contato com alemães na 1ª Guerra Mundial, acreditava que tratariam a população ocupada civilizadamente e decidiu que ficariam em Kiev.

Quando os judeus de Kiev foram convocados a se apresentar, sem saber o que as aguardava - mas temendo a pena de morte caso desobedecessem - a mãe de Yelena, Hanah, caminhou com suas três filhas para o endereço indicado. No caminho, porém, encontraram uma amiga da família, que as alertou para não irem. Ela vivia perto de Babi Yar e escutara o som dos tiros. Yelena e sua irmã começaram a chorar e falavam para sua mãe "eu quero viver". Decidiram retornar para casa.

O pai de Yelena, Vladimir, estava fora de Kiev e, quando retornou, ficou incrédulo. Resolveu ir escondido até Babi Yar para conferir o que se passava. Voltou para casa chocado com as pilhas de corpos e com o roubo de pertences dos mortos. Vladimir nunca superou o que viu e, meio ano mais tarde, cometera suicídio.

Yelena e sua família passaram o restante da guerra se passando por não-judeus e, nos momentos de acirramento da violência, se escondendo em um buraco cavado na cozinha da própria casa. Para não serem descobertas, contavam com a ajuda de vizinhos que, arriscando suas vidas, mentiam para os nazistas quando perguntados se sabiam de algum judeu no bairro.

Após a guerra, Yelena reconstruiu sua vida na Ucrânia, inconformada com o pouco reconhecimento às vítimas de Babi Yar - silêncio quebrado somente em 1961, com a publicação do famoso poema de Yevgeny Yevtushenko. Nos anos 1980, Yelena se mudou para Israel e, na década seguinte, para Melbourne, na Austrália.

RAISA MAISTRENKO

(1938 -)



Raisa nascera pouco antes do início da 2ª Guerra Mundial e era ainda pequena quando a Alemanha nazista invadiu a Ucrânia. Muito ligada aos avós, Raisa era filha de uma mãe judia e um pai não-judeu - que, naquele momento, estava servindo o exército soviético.

Quando os judeus receberam a ordem de se reunir na manhã de 29 de setembro, o avô materno de Raisa, Meer, reuniu a numerosa família para irem juntos, acreditando que seriam deportados para algum outro lugar. A avó paterna de Raisa, Tanya, que não era judia, decidiu que também acompanharia a família, principalmente a netinha de três anos.

Quando se aproximaram da ravina, perceberam o que se passava. Segurando a neta no colo, Tanya começou a gritar que não era judia e correr na direção contrária ao fluxo, protegendo a neta dos cassetetes de alemães e ucranianos colaboradores com o próprio corpo. Assim, Tanya conseguiu escapar levando Raisa consigo. Outras 18 pessoas da família jamais retornariam de Babi Yar.

Após a guerra, Raisa continuou vivendo em Kiev.

ALEKSANDR KUZ'MENKO

(1931 -)



Aleksandr nasceu em Konotop, na Ucrânia soviética, em uma tradicional família de ciganos roma. Seu pai, Andrei, foi o fundador da primeira fazenda coletiva (kolkhoz) cigana na Ucrânia, na região de Kharkiv. Aos oito anos de idade, Aleksandr se mudou com a família para Kiev. Temendo o forte anticiganismo, os Kuz'menko evitavam que os outros soubessem que eram roma.

Quando os ciganos de Kiev foram, assim como os judeus, convocados a se apresentarem (o que os levaria aos fuzilamentos em Babi Yar), se valeram do fato de poucos saberem de sua origem para permanecer em casa.

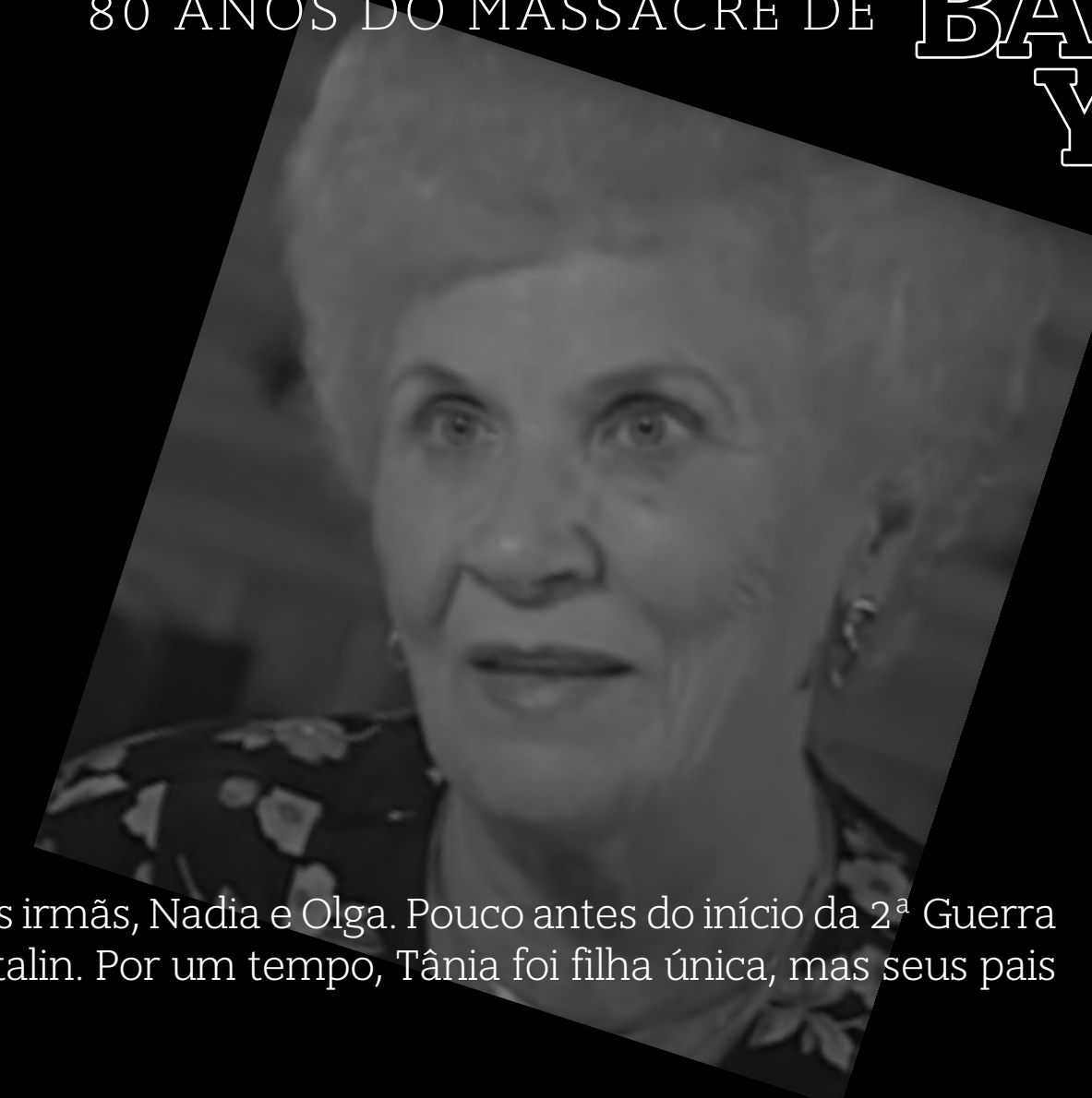
Apesar de viverem com muita discrição, um ucraniano que colaborava com os nazistas denunciou Aleksandr para a polícia, o que significaria sua morte. No entanto, os policiais acharam que ele fora denunciado como judeu e, ao constarem que Aleksandr não era circuncidado, o liberaram. Assim, Aleksandr e sua família sobreviveram à guerra até a liberação, em 1943.

Após a guerra, Aleksandr completou o ensino secundário, serviu o exército mas permaneceu receoso de revelar sua identidade roma.

TANIA

(1929-2016)

KAUPPILA



Tania Ovdienko Kauppila nasceu em 1929 em Kiev. Lá, morou até os 12 anos com os pais, Paul e Hannah Ovidienko; um irmão, Afanasii; e duas irmãs, Nadia e Olga. Pouco antes do início da 2ª Guerra Mundial, suas duas irmãs morreram de sarampo e o irmão Afanassi foi assassinado pela polícia por falar que acreditava em Deus e não em Stalin. Por um tempo, Tânia foi filha única, mas seus pais tiveram outro filho, Nikolai.

Seu pai era músico na banda do exército soviético e frequentava a Igreja Ortodoxa Russa. Familiares judeus mantinham sua fé em segredo, pois tinham medo de um destino semelhante ao de Afanassi. Tania sonhava em ser médica, mas só conseguiu estudar até o sexto ano, ao ser interrompida pela guerra.

Com a tomada de parte da Ucrânia pela Alemanha, em setembro de 1941, as primeiras informações eram desencontradas. Quando Tania tinha 12 anos, bombas e autofalantes anunciaram a invasão alemã. Junto a outros moradores, a família decidiu fugir. Chegando ao destino, viram que a fronteira já estava cercada pelas forças alemãs, que havia construído trincheiras e atirava em todos que tentavam sair. A família teve que se proteger dos tiros, e um deles pegou nas tranças do cabelo de Tania.

O grupo retornou a Kiev e o exército alemão utilizou os mesmos autofalantes para anunciar que deveriam seguir as bandeiras estampadas com a suástica nazista em direção ao cemitério judaico. No caminho de Babi Yar, os soldados alemães cuidavam para que as pessoas não se desviassem do trajeto e, por parcelas, matavam a todos, sem distinções. Quem estava atrás sabia que morreria - por isso, as pessoas começaram a gritar e as famílias começaram a se despedir e a se abraçar.

Os soldados alemães dividiram as pessoas em dois grupos, um maior à esquerda e outro à direita. Tania foi mandada para a direita, junto de outras crianças que deviam andar em direção a um vagão de trem. Despediu-se dramaticamente do pai, que lhe disse que, a partir daquele momento, Deus seria seu pai e sua mãe. O restante da sua família foi mandado para a esquerda, e Tania não mais os viu.

As crianças e os jovens fizeram uma viagem de três semanas, mas a maioria morreu durante o percurso. Os que sobraram foram levados ao campo de concentração de Meldorf, onde Tania ficaria pelos próximos anos. No campo, foram vestidas iguais, numeradas e obrigadas a trabalhar em turnos que variavam entre 16 e 18 horas descarregando carvão. Quando foi liberada pelo exército dos Estados Unidos, em 1945, foi internada em um hospital para tratamento físico e psicológico.

Após a guerra, Tania se mudou para o Michigan, nos Estados Unidos. Recuperou-se fisicamente, casou-se duas vezes e teve seis filhos. Depois de um tempo, escreveu um livro onde dividiu suas experiências - e foi devido a esta publicação que, 50 anos depois, Tania descobriu que seu irmão Nikolai havia sobrevivido e ainda vivia em Kiev, onde o reencontrou. Tania faleceu nos Estados Unidos, em 2016.

SOFIA YAROVA (BOYKO) (1925 - 2020)

YEFROSYNIA BOYKO

(1902 - 1963)

Sofia tinha 17 anos quando ela e sua mãe Yefrosynia esconderam em sua casa uma família de antigos vizinhos judeus, os Lipnytska. As duas viviam em Kiev, enquanto o pai de Sofia lutava no exército soviético.

Quando a Alemanha nazista invadiu a URSS, o marido de Tetiana Lipnytska foi convocado para o exército, sendo morto em combate. Percebendo o avanço nazista, Tetiana, com seus filhos Mara, de 12 anos, e Arkadii, de 4, fugiram para o Leste. Graças a essa fuga, não estavam em Kiev durante o massacre de Babi Yar. Porém, logo a região para onde fugiram também passou à ocupação alemã e, acreditando estarem mais seguros em uma cidade grande, retornaram a Kiev.

Lá, procuraram abrigo primeiro em uma família da vizinhança. Foram, no entanto, expulsos após menos de um dia, pois um dos membros dessa família era um policial ucraniano que colaborava com os nazistas e temia que a família toda fosse morta caso abrigasse judeus - o que de fato ocorreria se fossem descobertos.

Assim, em uma madrugada de setembro de 1942, Tetiana e seus filhos bateram à porta de Yefrosynia Boyko. Apesar do perigo de ser denunciada (inclusive pelos outros vizinhos, que haviam rejeitado os Lipnyska), elas não hesitaram em acolhê-los. Após cinco dias, Sofia e Yefrosynia decidiram que era mais seguro que Tetiana e seus filhos ficassem fora de Kiev. Sofia, arriscando mais uma vez sua vida, levou os Lipnyska por toda a cidade até a casa de um tio nos arredores, com quem Tetiana, Mara e Arkadii passaram o resto da guerra.

Em 1997, Sofia e Yefrosynia foram reconhecidas pelo museu Yad Vashem, em Jerusalém, como "Justas entre as Nações". Yefrosynia já havia falecido em 1963, mas a filha, Sofia, viveu até 2020.



BABYN YAR

Yevgeny Yevtushenko
(1960)

Não há monumentos sobre Babi Yar.
Um penhasco íngreme, como uma lápide áspera.
Eu estou assustado.
Estou tão velho hoje,
quanto o próprio povo judeu.

(...)

A erva selvagem murmura sobre Babi Yar.
As árvores olham agourentas como os verdugos.
Aqui tudo grita em silêncio, e, tirando meu boné, sinto-me
grisalho, lentamente.
E eu, também, tornei-me um berro tonitruante, sem som,
pelos muitos milhares aqui enterrados.
Eu sou cada velhinho aqui abatido a tiros.
Eu sou cada criança aqui abatida a tiros.
Nada será esquecido, dentro de mim...

Em 1961, **Yevgeny Yevtushenko** (1932-2017) publicou seu poema Babiyn Yar em um jornal russo, em parte para protestar contra a recusa da URSS em reconhecer a ravina como um local de memória do Holocausto. O aniversário do massacre ainda era observado no contexto da "Grande Guerra Patriótica" durante as décadas de 1950 e 60. O código de silêncio sobre o que isso significava para os judeus foi quebrado apenas em 1961. O poeta denunciou tanto o revisionismo histórico soviético quanto o antissemitismo ainda comum. Após sua publicação, Dmitri Shostakovich musicou-o como o primeiro movimento de sua Décima Terceira Sinfonia, com o subtítulo Babi Yar.

БАБИН ЯР

Евген Олександрович
Євтушенко (1961)

Над Бабьим Яром памятников нет.
Крутой обрыв, как грубое надгробье.
Мне страшно.
Мне сегодня столько лет,
как самому еврейскому народу.

(...)

Над Бабьим Яром шелест диких трав.
Деревья смотрят грозно,
по-судейски.
Все молча здесь кричит,
и, шапку сняв,
я чувствую,
как медленно седею.
И сам я,
как сплошной беззвучный крик,
над тысячами тысяч погребенных.
Я каждый здесь расстрелянный старик.
Я каждый здесь расстрелянный ребенок.
Ничто во мне
про это не забудет!

A DESTRUIÇÃO DE VESTÍGIOS

por Dr. Igor Schupak

Em meados de 1943, no território da Ucrânia, por ordem do Gabinete Central de Segurança do Reich - RSHA, teve início a destruição de vestígios das execuções em massa com a queima dos corpos - a chamada "Ação 1005". O comissário do RSHA para resolver este "problema" no Leste era o ex-comandante do Sonderkommando 4a, o SS-Standardführer Paul Blobel. Duas equipes foram formadas: a 1005a em Kiev e a 1005b em Dnipro, que começaram a trabalhar juntas em 18 de agosto de 1943.

De acordo com testemunhos de prisioneiros que foram expulsos do campo de Syretsky em Kiev para "ajudar" a queimar as vítimas, "os cadáveres escavados foram empilhados em camadas em locais especiais de tal forma que após cada camada de cadáveres colocava-se lenha, untava-se óleo usado em automóveis misturado com querosene, e então... o local foi incendiado e, assim, foram queimados, ao mesmo tempo, cerca de 5 mil cadáveres. De 18 a 26 de agosto, foram criados pelo menos 10 desses locais[...]. A grande maioria dos cadáveres escavados eram civis, incluindo mulheres e homens de todas as idades, e também crianças. Apenas em um lugar em Babi Yar foram encontrados cerca de 20 mil cadáveres ... pode-se concluir que estes eram os cadáveres de prisioneiros de guerra do comando do Exército Vermelho."

Ao fim da ocupação, cerca de 100 mil pessoas haviam sido mortas em Babi Yar, que se tornou uma vala comum gigante - um símbolo dos crimes nazistas em solo ucraniano. Mesmo assim, negadores do Holocausto constantemente se utilizam tanto da quase ausência de registros escritos detalhados da "Ação 1005" quanto do longo período em que os relatórios estiveram sob segredo do Estado soviético para questionar a dimensão da chacina e as identidades religiosas e étnicas das vítimas.

Após a liberação de Kiev, no início de outubro de 1943, a Comissão Extraordinária de Estado para Investigar os Crimes dos Invasores Nazistas e Seus Auxiliares (NDK) começou a trabalhar na cidade. No entanto, ela quase não realizou escavações em grande escala e exumações de restos mortais. Apesar disso, com base nas investigações posteriores contra nazistas e seus colaboradores, foi possível estabelecer informações sobre o extermínio da população na área, incluindo relatórios da SS que apontam o número de mortos nesses dois dias. Em um deles é dado o número exato: "Sonderkommando 4^a, em cooperação com o quartel-general do grupo e dois batalhões do regimento policial "Sul", em 29 e 30 de setembro de 1941, em Kiev, executou 33.771 judeus."



27

Igor Schupak é doutor em História pela Universidade de Toronto e diretor do "Tkumá", o Centro Ucraniano para Estudos do Holocausto e Museu de História dos Judeus da Ucrânia e História do Holocausto. Editor-chefe da editora "Premier", é autor de mais de 100 artigos científicos publicados na Ucrânia, Israel, Canadá, Polônia, Rússia, bem como livros didáticos de História para escolas na Ucrânia.

¹Kruglov A., Umansky A. Babyn Yar: vítimas, salvadores, algozes. Dnipro: Instituto Ucraniano de Estudos do Holocausto "Tkuma", Lira Ltd., 2019. Pág. 34-35.

²Shchupak I. Holocausto por balas. Bruchweld S., Levin P. "Diga isso a seus filhos...": Livro sobre o Holocausto na Europa em 1933-1945. A segunda edição ucraniana, completa. Dnipro: Instituto Ucraniano de Estudos do Holocausto "Tkuma", 2018. Pág. 46.

³Citado: Kruglov A., Umansky A. Babyn Yar. Pág. 26.

BABI YAR

Lev Ozerov
(1946)

O longo poema de **Lev Ozerov** (1914-1996) intitulado Babi Yar apareceu pela primeira vez na edição de março e abril de 1946 da revista Oktyabr. Muitas referências foram “codificadas” em função do regime soviético. Num dos trechos, ele diz: “Os agressores com a pá não foram identificados.”

Eu vim para você, Babyn Yar.
Se o luto tem idade,
Portanto, estou inconcebivelmente velho.
Contar séculos não é contar.

Eu fico no chão, orando:
Se eu não enlouquecer,
Então eu vou te ouvir, terra, -
Fale sozinho.

Como zumbe em seu peito.
Eu não vou entender nada, -
Então, a água subterrânea vibra
Ou as almas dos máis leves do Yar.

Eu pergunto às encostas: responda,
Vocês são testemunhas - compartilhe.

Silêncio.
Apenas o vento -
Nas folhas.

Eu pergunto ao céu: diga-me,
Indiferente à ofensiva ...
A vida era, será vida,
E nada é visível em seu rosto.
Talvez as pedras respondam.
Não...

Silenciosamente.
Agosto estava na poeira.
Klyacha pasta na grama líquida.
Mastiga trapos vermelhos.
"Você pode me responder?"

E o esquilo olhou de soslaio,
O esquilo brilhou em azul e branco.
E juntos -
O coração se encheu de silêncio,
E eu senti:
Crepúsculo entra na mente,
E Kiev naquela manhã de outono -
Na minha frente ...

Я пришёл к тебе, Бабий Яр.
Если возраст у горя есть,
Значит, я немыслимо стар.
На столетья считать - не счесть.

Я стою на земле, моля:
Если я не сойду с ума,
То услышу тебя, земля, -
Говори сама.

Как гудит у тебя в груди.
Ничего я не разберу, -
То вода под землёй гудит
Или души легших в Яру.

Я у клёнов прошу: ответьте,
Вы свидетели - поделитесь.

Тишина.
Только ветер -
В листьях.

Я у неба прошу: расскажи,
Равнодушное до обидного...
Жизнь была, будет жизнь,
А на лице твоём ничего не видно.
Может, камни дадут ответ.
Нет...

Тихо.
В пыли слежавшейся август.
Кляча пасётся на жидкой травке.
Жуёт рыжую ветошь.
- Может, ты мне ответишь?

А кляча искоса глянула глазом,
Сверкнула белка голубой белизной.
И разом -
Сердце наполнилось тишиной,
И я почувствовал:
Сумерки входят в разум,
И Киев в то утро осеннее -
Передо мной...

БАБИН ЯР

Лев Озеров
(1946)

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE BABI YAR

Memórias são construídas diariamente. Cada narrativa, iniciativa ou decisão influencia como as memórias serão erguidas ou apagadas. É um processo contínuo, infinito e que não depende apenas de uma vontade. O caso do massacre de Babi Yar, durante a ocupação nazista de Kiev, é mais um exemplo de como o “lembrar” está imerso nesse processo cotidiano complexo e em conflito constante.

As primeiras obras de arte sobre Babi Yar surgiram durante a própria tragédia. O etnógrafo Yuriy Pavlovych Annenkov (1889-1974), enquanto estava na capital ucraniana ocupada pelos nazistas, desenhava a lápis todos os dias. Entre os artistas que estavam em Kiev à época, Pavlovich foi o único que “percebeu” a triste marcha dos judeus até o local da execução.

No entanto, um apagamento físico e ideológico da memória dos horrores de Babi Yar ocorreu em todo o período em que a Ucrânia era parte da URSS. Como destacou o historiador Anatoly Podolsky, havia uma política de silêncio sobre tudo que não se encaixasse na narrativa do regime sobre a 2ª Guerra Mundial, incluindo a especificidade das vítimas judias do Holocausto. Em outras palavras, a história da Ucrânia soviética do pós-guerra não estava particularmente interessada nos judeus como grupo ou no terrível destino que sofreram. Por isso, os soviéticos sempre desencorajaram iniciativas que enfatizassem a perseguição, o assassinato em massa e a eliminação completa de comunidades judaicas, preferindo oficialmente que a tragédia fosse lembrada como um crime cometido contra Kiev e a URSS.

Toda a área da ravina onde ocorreu o massacre de 34 mil judeus - homens, mulheres e crianças - nos últimos dias de setembro de 1941 foi, nos anos seguintes, literalmente achatada e enchida com lixo industrial. Em 1961, um deslizamento de terra desencadeou o famoso “incidente de Kurenivka”, quando centenas foram mortos no episódio que despejou lama, água e restos humanos de uma barragem nas ruas de Kiev. Mais tarde, o local se transformou em parque e num complexo de apartamentos.



Quando Nikita Khrushchov era chefe do Partido Comunista na Ucrânia, ele se opôs à proposta do escritor judeu ucraniano Ilya Ehrenburg de erguer um monumento às vítimas. O poeta Yevgeny Yevtushenko tratou sobre o tema, em versos que foram aclamados mundialmente: “não existem monumentos para Babi Yar”.

Foi somente depois que a Ucrânia conquistou a independência, em 1991, que o massacre entrou definitivamente no debate público e nos livros escolares - mesmo com o desconforto com a participação de colaboradores ucranianos nos assassinatos. Em setembro de 2016, no 75º aniversário da chacina, uma ampla coalizão internacional se reuniu em Kiev para anunciar o compromisso de criar um novo centro educacional e memorial na Ucrânia.

Cinco anos se passaram quando o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky inaugurou um monumento e destacou os esforços no projeto do Centro Memorial do Holocausto Babi Yar (BYHMC), que prevê a construção de um museu, um memorial com os nomes das vítimas, um espaço religioso (incluindo sinagoga, igreja e mesquita), um centro de pesquisa educacional e científica, uma biblioteca e uma plataforma multimídia. Um escritório de arquitetura austríaco venceu o concurso que escolheu o projeto, com uma longa rampa descendente com paredes que “escoltam” o visitante ao espaço expositivo, implantado vinte metros abaixo do solo.

Era 27 de janeiro de 2021, Dia Internacional em Memória às Vítimas do Holocausto, quando o presidente ucraniano discursou em Babi Yar. “A cerimônia de hoje marca o início de nossas comemorações do octogésimo aniversário da tragédia do massacre de Babi Yar. É nosso dever nacional e moral lembrar as vítimas do Holocausto que foram assassinadas aqui na Ucrânia e na Europa Oriental”, afirmou.

ECO DE TBABYN YAR
de Yuri Kaplan
(1959)

Minha mãe e eu ganhamos um canto de tarimba
Em um vagão de carga lotado.
E aqueles que permaneceram na plataforma suja,
Babi Yar estava esperando.
Incêndios. O bombardeio. Gritos de "Abaixa-se!".
Nós seguimos em meio a guerra,
Para o resto de nossas vidas
Carregando nossa culpa.

ЭХО БАБЬЕГО ЯРАТ,
Юрий Каплан
(1959)

Нам с мамой достался кусочек нар
В переполненном товарном вагоне.
А тех, кто остался на грязном перроне,
Ждал Бабий Яр.
Пожары. Бомбежка. Вопли "ложись!".
Так и ехали сквозь войну,
На всю оставшуюся жизнь
Увозя свою вину.

Yuri Kaplan (1937-2009) foi um sobrevivente de Babi Yar. A obra do famoso poeta mergulha na história e na identidade judaica, sendo uma referência para a história milenar deste povo em território ucraniano. O "autorretrato" de 1958 é sua obra-prima poética, em que a sinceridade e a impulsividade repousaram no espantoso poder do talento do ainda jovem poeta.

NARRATIVAS E MEMÓRIA DO MASSACRE DE CIGANOS ROMA EM BABI YAR

Desde o século XIX, o território ao redor de Babi Yar era um lar para párias sociais, prisioneiros e pessoas com deficiência intelectual, bem como um local de sepultamento. O hospital psiquiátrico de Kiev, com cerca de 1300 pacientes, e a prisão de Lukyanivska eram vizinhos de um vilarejo romani. Não foi por acaso que os nazistas escolheram Babi Yar como um local de massa - a vila era cercada também por cemitérios cristãos ortodoxos, militares e judaicos.

Publicações acadêmicas sobre os assassinatos em massa de ciganos em Babi Yar são baseadas em testemunhos coletados pelas autoridades soviéticas após 1943. O sobrevivente do genocídio roma Volodymyr Nabaranchuk, natural de Kiev, afirmou que, além da aldeia cigana perto de Kurenivka, os nazistas mataram romas em outros subúrbios de Kiev. No entanto, nenhuma informação exata sobre o andamento das ações de extermínio foi encontrada em arquivos soviéticos, ucranianos ou alemães.

O conceito de “cidadãos soviéticos pacíficos” (mirnye sovetskie grazhdane), que definia as vítimas civis de crimes nazistas, foi lançado pela mídia oficial a partir de 1942. Assim, a imprensa soviética evitava mencionar a etnia das pessoas assassinadas, principalmente judeus e ciganos roma, apresentando as vítimas das atrocidades nazistas simplesmente como “cidadãos soviéticos pacíficos”.

Apesar da política de silenciamento, analisando as práticas de memória das comunidades ciganas em Kiev, é possível notar que eles sempre lembraram seus parentes assassinados. No entanto, o conteúdo e o dia



32

de comemoração se alteravam dependendo do contexto político. Após a guerra, as práticas de memória relacionadas às vítimas ciganas foram limitadas a cerimônias familiares em feriados religiosos dentro das comunidades roma.

A entrada gradual da memória do genocídio dos ciganos na grande narrativa da Segunda Guerra Mundial pode ser explicada por muitos fatores: a mudança de foco dos “heroicos” soldados do Exército Vermelho ao sofrimento do povo ucraniano comum, ao processo de democratização e a integração do país na União Europeia. A política de liberalização na URSS permitiu que os ciganos legitimassem suas práticas de memória e incluíssem novos conteúdos.

Em suma, a revisão das versões soviéticas da Segunda Guerra Mundial na Ucrânia abriu possibilidades de inclusão da memória coletiva do povo cigano nas principais narrativas do Holocausto e do conflito mundial. Hoje, na Ucrânia, a memória do genocídio nazista é um elemento-chave do movimento cigano e de suas práticas de memória. No entanto, o principal obstáculo para as ações de comemoração e memória do genocídio dos ciganos na Ucrânia é o persistente anticiganismo, além da documentação insuficiente. A falta de conhecimento histórico sistematizado é um grande desafio para os atores da memória que buscam rememorar sem grande número de testemunhos orais e biografias das vítimas.

BABYN YAR de Natella Boltyanskaya

Mãe, porque choras
bordando em meu vestido
uma estrela amarela?
Esse tipo de ornamento
seria bom para a coleira de um cachorrinho
Vou trazê-lo agora mesmo.

Para onde levam os nossos,
pode ser que lá não dá medo,
pode ser que lá há brinquedos e comida?
Me disse isso um senhor,
Olhando de óculos para um pedaço de papel,
e amanhã seremos levados para lá.

Olha só que lindo,
A orquestra tocando freilechs,
Por que há tantas pessoas aqui?
Mãe, bem, diga-me, mãe,
Quem cavou este buraco aqui
E por que eles nos colocam na frente dele?

Por que você está chorando, você não pode ver -
A língua deles é semelhante ao iídiche,
Por que todo mundo está bêbado logo de manhã?
Talvez eles estejam brincando de guerra,
Já que eles estão atirando fogos de artifício ...
Mãe, isso não parece ser um jogo.
Mãe, por que você está chorando,
Mãe, por que você está chora...

БАБИН ЯР, Нателла Болтянская

Мама, отчего ты плачешь,
Пришивая мне на платье
Желтую звезду?
Вот такое украшеньё
Хорошо б щенку на шею -
Я его сейчас же приведу.

А куда уведят наших,
Может, там совсем не страшно,
Может, там игрушки и еда?
Мне сказал какой-то дядя,
Сквозь очки в бумажку глядя,
Что назавтра нас возьмут туда.

Посмотри, какая прелесть,
Вот оркестр играет фрейлехс,
Отчего так много здесь людей?
Мама, ну скажи мне, мама,
Кто тут вырыл эту яму
И зачем нас ставят перед ней?

Что ты плачешь, ты не видишь -
Их язык похож на идиш,
Ну почему все пьяные с утра?
Может быть, в войну играют,
Раз хлопучками стреляют...
Мама, это вовсе не игра.
Мама, отчего ты плачешь,
Мама, отчего ты пла...

Natella Savelievna Boltyanskaya (1965-) nasceu 20 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, em Moscou, na então URSS. Jornalista, cantora e compositora, poetisa e apresentadora de rádio, ela também é intérprete de canções, principalmente sobre sua própria poesia - caso de "Babyn Yar".

JUDEUS NA UCRÂNIA HOJE

por Dr. Igor Schupak

Em toda a sua história, o período mais trágico para os judeus ucranianos foi o Holocausto, o extermínio nazista de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Até 1,6 milhão de judeus (cerca de 60% da população judaica da Ucrânia antes da guerra) morreram na Ucrânia ocupada em campos de concentração e em fuzilamentos em massa entre 1941 e 1944.

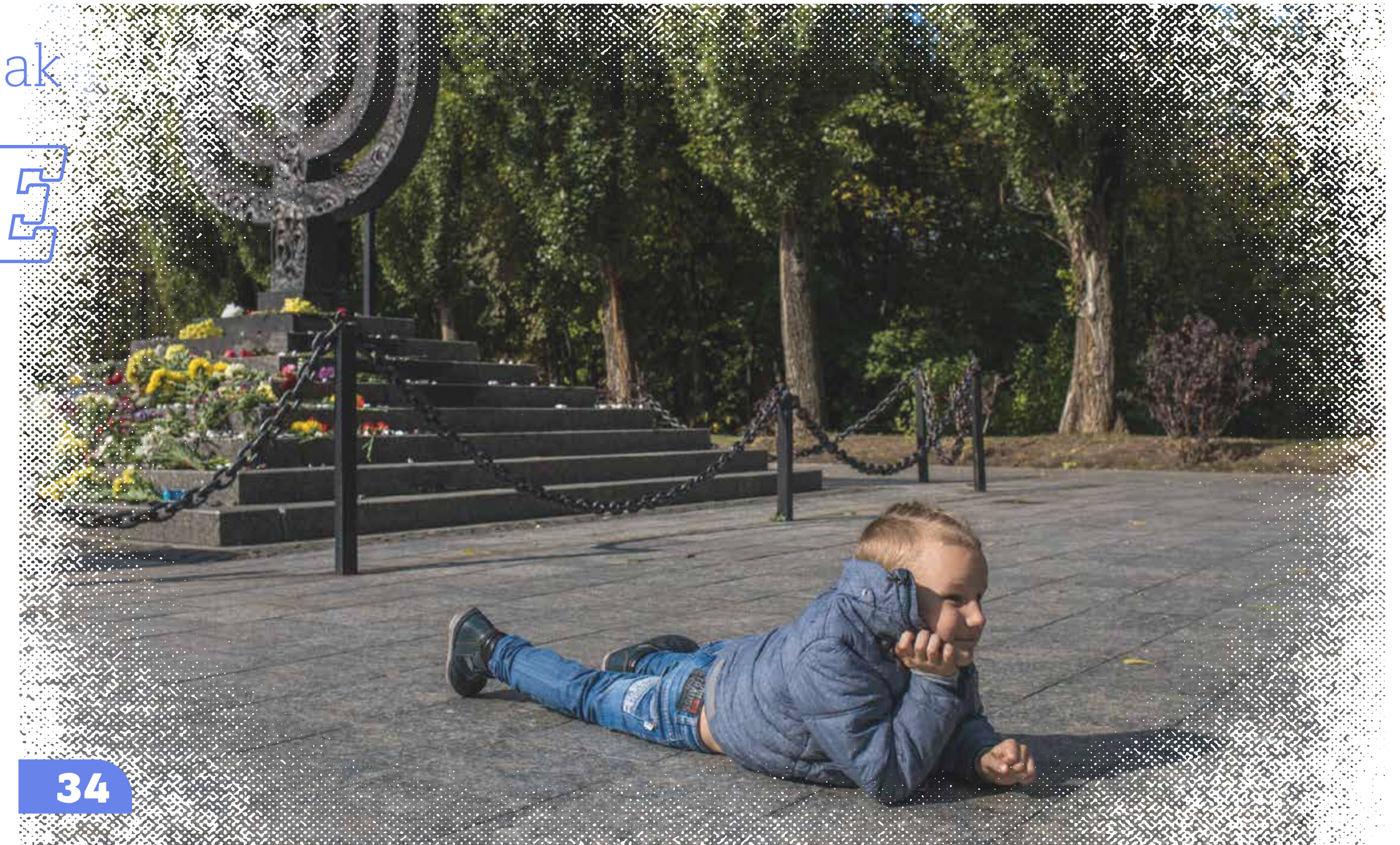
Após a queda do regime comunista e o colapso da União Soviética, em 1991, iniciou-se a restauração da vida judaica tradicional em uma Ucrânia independente e democrática. Sinagogas e cemitérios judaicos estão sendo restaurados e a vida comunitária está sendo reavivada. A influente comunidade judaica começou a se recuperar não só na capital - como costumava acontecer em outras repúblicas da ex-URSS -, mas também em Dnipro, onde foi reconstruída, provavelmente, a mais influente comunidade judaica no espaço pós-soviético.

A Comunidade Judaica Unida da Ucrânia é a maior organização não-governamental judaica ucraniana. O chefe do Conselho é o rabino Shmuel Kaminetsky, e seu presidente é Igor Kolomoisky. A Comunidade é composta por 140 organizações judaicas de todo o país. A Comunidade oferece, em bases permanentes, assistência financeira às vítimas judias do nazismo, veteranos e viúvas de participantes da Segunda Guerra Mundial.

O maior centro comunitário judaico do mundo, Menorah, foi construído em Dnipro com o apoio financeiro dos empresários ucranianos de ascendência judaica, Igor Kolomoisky e Gennady Bogolyubov. A Menorah é o lar de um dos maiores museus do mundo dedicados ao Holocausto - a Memória do Povo Judeu e o Holocausto na Ucrânia, e uma instituição de pesquisa, o Instituto Ucraniano para o Estudo do Holocausto - Tkumá.

Na Ucrânia, mantêm suas atividades escritórios das principais organizações judaicas internacionais - Joint, Agência Judaica, Claims Conference, Hillel. Sob o patrocínio da Joint, fundações de caridade (Hesed) operam em 70 cidades ucranianas.

Atualmente, cerca de 300 mil judeus vivem na Ucrânia. A maioria deles consideram-se ucranianos de origem judaica e apoiam a Ucrânia na guerra russo-ucraniana que vem acontecendo desde 2014. Eles



34

ajudam veteranos e deslocados internos e servem nas Forças Armadas da Ucrânia, defendendo a integridade territorial de nosso Estado. E isso não é por acaso, uma vez que os judeus na Ucrânia têm tudo o que é necessário para preservar e desenvolver sua própria identidade, o que consiste em uma garantia para o desenvolvimento da comunidade judaica na região.

Igor Schupak é doutor em História pela Universidade de Toronto e diretor do "Tkumá", o Centro Ucraniano para Estudos do Holocausto e Museu de História dos Judeus da Ucrânia e História do Holocausto. Editor-chefe da editora "Premier", é autor de mais de 100 artigos científicos publicados na Ucrânia, Israel, Canadá, Polônia, Rússia, bem como livros didáticos de História para escolas na Ucrânia.

⁴ Judeus da Ucrânia: quem são? Ukraïner. Portal informativo. URL: <https://ukraïner.net/yevreyi/>

⁵ Comunidade Judaica Unida da Ucrânia. URL: <https://jew.org.ua/>

⁶ Comunidade judaica. Associação de comunidades e organizações religiosas judaicas da região de Dnipropetrovsk. Conselho Municipal de Dnipro. URL: <https://dnipro-rada.gov.ua/uk/articles/item/35507/>

⁷ Comunidade Judaica Unida da Ucrânia. URL: <https://jew.org.ua/>

ALTSHULER, Mordechai. Jewish Holocaust Commemoration Activity in the USSR under Stalin. In: Yad Vashem Studies, 30: Jerusalem, 2002.

ARAD, Yitzhak. The Holocaust in the Soviet Union. University of Nebraska Press, 2009.

BAUER, Yehuda. A History of the Holocaust. London: Franklin Watts, 1982.

BRANDON, Ray; LOWER, Wendy. The Shoah in Ukraine: History, Testimony, Memorialization. Indiana University Press, 2010.

BROWNING, Christopher. Aquellos hombres grises. El Batallón 101 y la Solución Final en Polonia. Barcelona: Edhasa, 2002.

HILBERG, Raul. A destruição dos judeus europeus. São Paulo: Amarlys, 2016.

KERSHAW, Ian. The Nazi Dictatorship: Problems and Perspectives of Interpretation. New York: Bloomsbury, 2015.

KOTLJARCHUK, Andrej. Babi Yar and the Nazi Genocide of Roma: Memory Narratives and Memory Practices in Ukraine. Nationalities Papers, 2021.

KUZTESOV, Anatoly. Babi Yar. Documentary Novel. New York: The Dial Press, 1967.

PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RADCHENKO, Yuri. **Babyn Yar:** A Site of Massacres, (Dis)remembrance and Instrumentalization. New Eastern Europe, 1, 2016, pp. 160-171.

REES, Laurence. O Holocausto: uma nova história. São Paulo: Vestígio, 2018.

STIVELMAN, Michel. A Marcha da Morte. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

Babyn Yar National Historical Memorial Preserve. <https://babynyar.org/en/>

<https://encyclopedia.ushmm.org>

<https://iwitness.usc.edu>

<https://jew.org.ua>

<http://memory.kby.kiev.ua>

<https://ukrainer.net/yevreyi>

<https://www.yadvashem.org>

<https://yivoencyclopedia.org>

LEGENDAS E FONTES DAS FOTOGRAFIAS

Prisioneiros de guerra soviéticos trabalhando sob o comando de soldados nazistas enterram vítimas do massacre de Babyn Yar em 1º de outubro de 1941. Crédito: Johannes Karl Hähle / Instituto de Pesquisa Social de Hamburgo.

Foto 1 - Apresentação – Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu Massacre de Babi Yar, de Angiolino Filiputti. IBCC Digital Archive. Retirado de <https://ibccdigitalarchive.lincoln.ac.uk/omeka/collections/document/111>.

Foto 2 - Apresentação – Rostyslav Tronenko, Embaixador da Ucrânia no Brasil
Monumento aos assassinados em Babi Yar, Kiev. Wikimedia Commons

Foto 3 - Os primórdios da vida judaica em Kiev
A corte de um príncipe específico. Vasnetsov. Domínio público.

Foto 4 - Babyn Yar, de Liudmila Titova (1941)
Liudmila Titova (1941)

Foto 5 - Os judeus de Kiev, o antissemitismo e a modernidade
Pogrom, 1881. Assalto sobre um judeu na presença dos militares, em Kiev. Gravura a cores. Impressão de pôster da coleção de Granger.

Foto 6 - Os judeus de Kiev, o antissemitismo e a modernidade (duas fotos no mesmo texto)
Pintura. A corte de um príncipe específico. Apollinari Vasnetsov. Domínio público.

Foto 7 - Babyn Yar, de Mykola Bazhan (1943)
Mykola Bazhan (1943)

Foto 8 - Kiev judaica e as guerras mundiais (1914-1941)
Gravura. Judeus emigrando no início do século XX. Global Look Press.

Foto 9 - Ravinas de Kirillov, de Olga Anstei (1943)
Olga Anstei (1943)

Foto 10 - Operação Barbarossa e a ocupação alemã em Kiev
Soldados alemães atacando um vilarejo a oeste de Kiev. Bundesarchiv, Bild 146-1974-099-45 / Hähle, Johannes / CC-BY-SA 3.0. Johannes Hähle. Bundesarchiv.

Foto 11 - Babyn Yar, de Ilya Ehrenburg (1945)
Ilya Ehrenburg (1945)

Foto 12 - Einsatzgruppen e Solução Final
Execuções de judeus por unidades móveis de extermínio do exército alemão (Einsatzgruppen) perto de Ivangorod, Ucrânia, 1942. Autor de-

sconhecido, por vezes atribuído por engano a Jerzy Tomaszewski, que o descobriu. USHMM.

Foto 13 - Cruz de Elena Teliga, de Leonid Vysheslavsky
Leonid Vysheslavsky

Foto 14 - O massacre de Babi Yar
Pintura. Felix Lembersky. Execution: Babi Yar, ca. 1944-52. Creative Commons.

Foto 15 - A Ravina, de Moysey Fishbeyn (1974)
Moysey Fishbeyn (1974)

Foto 16 - Dina Pronicheva (1911-1977)
Dina Pronicheva (1911-1977) com sua amiga Fania trabalhando no Teatro de Marionetes. Kiev, Ucrânia, 1950. Retirado de: <https://babyn-yar.org/en/library/collection/59/12542>

Foto 17 - David Ayzenberg (1926 -)
David Ayzenberg. Reprodução de depoimento para USC Shoah Foundation/Yad Vashem. Década de 1990.

Foto 18 - Raisa Dashekevich (1911- ?)
Reprodução de depoimento para USC Shoah Foundation/Yad Vashem. Década de 1990.
<https://www.youtube.com/watch?v=hyfx9jL1yml>

Foto 19 - Ludmila Tkach (1936 - 2002)
Reprodução de depoimento para USC Shoah Foundation/Yad Vashem. Década de 1990.
<https://www.youtube.com/watch?v=JppgNTS6xiw>

Foto 20 - Dina Levina (1927 -)
Reprodução de depoimento para USC Shoah Foundation/Yad Vashem. Década de 1990.
https://www.youtube.com/watch?v=7f7aQ_UJERO

Foto 21 - Yelena Gorodetsky (1935 -)
Yelena Gorodetsky vive em Melbourne, Austrália, e é uma sobrevivente do massacre de Babi Yar. Fonte: ABC RN: Fiona Pepper.

Foto 22 - Raisa Maistrenko (1938 -)
Raisa Maistrenko visitando o monumento Babi Yar em 2016. Fonte: AFP/Sergei Supinsky.

Foto 23 - Aleksandr Kuz'menko (1931 -)
Aleksandr Kuz'menko (1931 -). Reprodução de depoimento para USC Shoah Foundation/Yad Vashem. Década de 1990.

Foto 24 - Tania Kauppila (1929-2016)

Reprodução de depoimento para USC Shoah Foundation/Yad Vashem. Década de 1990.
https://www.youtube.com/watch?v=sndMy953I_U

Foto 25 - Sofia Yarova (Boyko) (1925? – 2020) e Yefrosynia Boyko (1902 – 1963)
Sofia Yarova. Retirado de: <https://babynyar.org/en/righteous/784>

Foto 26 - Babyn Yar, Yevgeny Yevtushenko (1960)
Yevgeny Yevtushenko (1960). Foto: AP Photo/Dave Pickoff

Foto 27 - A destruição de vestígios, por Igor Schupak
Uma visão geral de Babi Yar em 1961. Cortesia de Emmanuel (Amik) Diamant. Cedido pelo Yad Vashem, Israel.

Foto 28 - Babyn Yar, Lev Ozerov (1946)
Lev Ozerov. Open Space. Cortesia de Anya Ozerova.

Foto 29 - A construção da memória de Babi Yar
Gravura de Yuri Pavlovich. “Os judeus de Kiev vão para a última estrada para Babyn Yar”, 1941. Retirado do jornal “O Observador Judeu”, Ucrânia. <<https://jew-observer.com/otzvuk-tragedii/borci-za-zberezheniya-pamyati-pro-babin-yar/>>

Foto 29 - A construção da memória de Babi Yar (duas fotos no mesmo texto)
Projeto do BYHMC, na Ucrânia. Crédito: babynyar.org / Querkraft Architekten / Kieran Fraser Landscape Design.

Foto 30 - Eco de Babyn Yar, Yuri Kaplan (1959)
Yuri Kaplan (1959).

Foto 31 - Narrativas e memória do massacre de ciganos roma em Babi Yar
Monumento em homenagem aos povos roma assassinados em Babi Yar. Foto: Christel Wollmann-Fiedler.

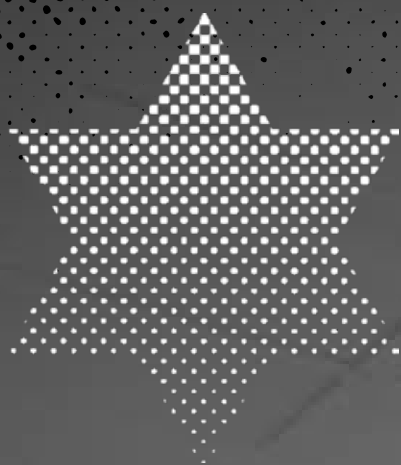
Foto 32 - Babyn Yar, de Natella Boltyanskaya
Natella Boltyanskaya. Retirado de <https://www.peoples.ru/art>

Foto 33 - Judeus na Ucrânia hoje, por Igor Schupak
Criança em Babi Yar. De Velyka. Retirado de <https://ukrainer.net/the-jews-of-ukraine/>.

Foto 34 - Referências Bibliográficas
Vista aérea de Babi Yar. Fotografia de Mykola Kondrashev. Retirado de <https://k-larevue.com/babi-yar-un-memorial-des-memoriaux/>

Foto 35 - Créditos
Uma simulação do interior proposto para o Centro em Babi Yar. Crédito: babynyar.org / Querkraft Archite.

museu do
Holocausto
CURITIBA | BR



**80 anos do
massacre de
Babi Yar**

Realização

Associação Casa de Cultura Beit Yaacov
Museu do Holocausto de Curitiba
Presidente
Miguel Krigsner

Coordenação-Geral

Carlos Reiss

Pesquisa e Redação

Michel Ehrlich
Juliana Aragão
Carlos Reiss
Igor Schupak (assinados)

Concepção de Arte

Fabio Bueno

Traduções

Embaixada da Ucrânia no Brasil

Parceiro

Embaixada da Ucrânia no Brasil
Museu da Memória Judaica e do Holocausto na Ucrânia
Tkumá - Instituto Ucrainiano para os estudos do Holocausto

Agradecimentos

Aleksandra Girenko, Avraham Milgram (Tito), Denise Weishof, Eloiza Vasconcelos, Embaixador Rostyslav Tronenko, Ihor Torshyn, Iryna Radchenko, Isac Baril, Isac Weishof Z"L, Jaime Ingberman, Laura Nicolli, Maria Lucia Voitech Neumann.